



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**Instituto de Estudos Políticos
da Universidade Católica Portuguesa**

Setembro de 2026

**Personalidade e Reconfiguração da Direita em Portugal:
Análise Exploratória de Simpatias Partidárias**

Autor

Sebastião Dâmaso de Andrade

damasodeandrade@gmail.com

**XVIII CONGRESSO AECPA
ÁREA XI: POLÍTICA E GOVERNO EM PORTUGAL**

Abstracto

A direita portuguesa deixou de caber confortavelmente na imagem de um espaço partidário aconchegado em torno do PSD e do CDS-PP. O surgimento da Iniciativa Liberal e a consolidação do Chega tornaram mais visível uma direita atravessada por diferentes linguagens políticas, prioridades ideológicas e modos de relação com o eleitorado. Este artigo parte dessa transformação, mas desloca a pergunta habitual. Em vez de olhar apenas para os partidos e as suas estratégias, pergunta o que acontece quando se observa também o lado interno da procura eleitoral, ou seja, as disposições psicológicas, as atitudes e as expectativas através das quais os simpatizantes recebem diferentes ofertas políticas.

A partir de um estudo exploratório com 319 participantes residentes em Portugal, analisam-se as relações entre traços *Big Five*, autoidentificação esquerda-direita, autoritarismo, conservadorismo social, liberalismo económico, religiosidade e simpatia partidária. Os resultados sugerem que as simpatias por PSD, Iniciativa Liberal e Chega não se distinguem apenas por maior ou menor proximidade à direita, mas por combinações diferentes de disposições e atitudes. Na amostra analisada, os simpatizantes do PSD surgem associados a um perfil mais institucional e agregador, os da Iniciativa Liberal a uma direita menos tradicionalista, menos autoritária e menos religiosa e os do Chega a uma configuração mais marcada por autoritarismo, conservadorismo social, menor amabilidade e maior neuroticismo descritivo.

O artigo não defende que a personalidade determine o voto, nem que existam perfis psicológicos fechados dos eleitorados partidários. Propõe antes que a Psicologia Política permite ver uma camada menos evidente da reconfiguração da direita portuguesa: a forma como diferentes partidos tornam politicamente expressivas predisposições, atitudes e expectativas que antes podiam permanecer agregadas ou dispersas politicamente.

Palavras-chave: direita portuguesa; personalidade; psicologia política; simpatia partidária; ideologia.

1. Introdução

Durante grande parte da democracia portuguesa, a direita partidária organizou-se em torno de uma arquitectura reconhecível, com o Partido Social Democrata como principal partido de governo do centro-direita e o CDS-PP como parceiro democrata-cristão, conservador e liberal-conservador. Esta configuração nunca significou homogeneidade ideológica. Pelo contrário, a direita portuguesa sempre agregou sensibilidades distintas, desde simpatizantes economicamente liberais a conservadores morais, católicos, moderados institucionais, reformistas e anti-socialistas. O ponto é que, durante várias décadas, essas diferenças podiam coexistir dentro de uma oferta partidária relativamente concentrada.

Este quadro alterou-se significativamente nos ciclos eleitorais recentes. O surgimento da Iniciativa Liberal e a consolidação do Chega tornaram mais visível uma diferenciação interna da direita portuguesa. Já não se trata apenas de distinguir entre centro-direita e democracia-cristã, ou entre PSD e CDS. O espaço da direita passou a incluir com maior nitidez uma direita institucional, uma direita liberal e uma direita radical/populista. Os resultados eleitorais de 2024 e 2025 confirmam essa transformação, ao mostrarem a presença parlamentar da AD/PSD-CDS, do Chega e da Iniciativa Liberal como actores relevantes no campo da direita portuguesa (Comissão Nacional de Eleições, 2024, 2025).

A questão central deste artigo não é saber se a direita portuguesa se tornou internamente diversa. Esse ponto é hoje evidente. A questão é se PSD, Iniciativa Liberal e Chega disputam apenas variantes do mesmo perfil de simpatizante de direita, ou mobilizam formas distintas de adesão política. Por outras palavras, a reconfiguração da direita portuguesa deve ser lida apenas como uma multiplicação da oferta partidária, ou seja, mais partidos disponíveis no mesmo espaço ideológico, ou também como uma diferenciação da procura eleitoral, isto é, como a autonomização de sensibilidades, expectativas e predisposições políticas antes agregadas de forma menos visível?

A literatura sobre a emergência da direita radical em Portugal e Espanha tem mostrado que a transformação da direita não pode ser explicada apenas pela existência abstracta de uma procura disponível. Mendes e Dennison (2021) argumentam que o sucesso da direita radical depende da capacidade de evitar o estigma do extremismo, beneficiar de lacunas de representação à direita e responder a uma procura insatisfeita em temas socioculturais salientes. Heyne e Manucci (2021) mostram que o fim do excepcionalismo ibérico (o fenómeno político em que a Espanha e Portugal estavam

imunes à ascensão da direita radical/populista) aproximou os eleitorados do Chega e do Vox de padrões conhecidos da direita radical populista europeia, sobretudo no que toca à insatisfação política, à rejeição da imigração e à relevância de temas nacionais.

Este artigo parte desse enquadramento, mas desloca a pergunta para um nível complementar que é a estrutura psicológica e ideológica da procura eleitoral. A ideia não é substituir explicações institucionais, sociológicas ou estratégicas por uma explicação psicológica do voto. Pelo contrário, a emergência de novos partidos depende sempre de factores como liderança, economia, regras eleitorais, mediatismo e posicionamento estratégico. Mas uma oferta partidária só se torna politicamente relevante quando encontra simpatizantes para quem a sua linguagem faz sentido. É nesse ponto que a Psicologia Política passa a ser analiticamente útil.

Os cidadãos não recebem mensagens políticas como superfícies neutras. A mesma promessa de “ordem” pode soar autoritária a uns e tranquilizadora a outros. A mesma defesa da “liberdade económica” pode ser lida como autonomia, mérito e emancipação face ao Estado por uns e como abandono ou exposição ao risco por outros. A mesma denúncia das “elites” pode parecer simplista a alguns eleitores e profundamente verdadeira a outros. O conteúdo político é sempre recebido por indivíduos com diferentes histórias, valores, medos, expectativas e predisposições relativamente estáveis. É por isso que a personalidade interessa à Ciência Política, não porque determine mecanicamente o voto, mas porque ajuda a compreender a receptividade diferencial dos simpatizantes a certas narrativas políticas.

A investigação empírica que serve de base a este artigo partiu precisamente desta necessidade de ir além do eixo esquerda-direita. A dissertação *Sobre a Relação entre Personalidade e Tendência de Voto em Portugal* construiu uma estratégia multidimensional que cruza traços *Big Five*, atitudes ideológicas, autoidentificação no eixo esquerda-direita e simpatia partidária concreta (Dâmaso de Andrade, 2025). Esta opção metodológica parte do reconhecimento de que a ideologia emerge da interacção entre predisposições psicológicas, atitudes, processos de identificação, experiências de vida e estruturas de oportunidade partidária, não de uma relação directa e linear entre personalidade e voto.

Por formas de adesão política entende-se aqui o modo como os simpatizantes articulam predisposições, atitudes e expectativas perante uma oferta partidária.

A hipótese interpretativa que orienta este artigo é que a reconfiguração da direita portuguesa pode ser compreendida não apenas como transformação da oferta partidária,

mas também como diferenciação da procura eleitoral. PSD, Iniciativa Liberal e Chega não representam apenas intensidades diferentes de uma mesma posição à direita. Podem representar formas distintas de adesão política como por exemplo uma direita institucional e governativa, uma direita liberal-reformista e uma direita radical/populista orientada por ordem e anti-sistema.

2. Reconfiguração da Direita Portuguesa

A reconfiguração recente da direita portuguesa deve ser entendida como uma transformação da relação entre oferta partidária e procura eleitoral. Durante grande parte do período democrático, a direita foi eleitoralmente organizada por um número reduzido de actores com capacidade agregadora. O PSD ocupou o lugar central desse espaço enquanto o CDS-PP funcionou como complemento democrata-cristão, conservador e liberal-conservador. Esta composição nunca significou ausência de diversidade interna, a direita portuguesa continha diferentes alas, do liberalismo económico ao conservadorismo moral, do reformismo à moderação institucional e às preocupações de ordem. A diferença é que essas sensibilidades podiam coexistir dentro de uma oferta partidária relativamente concentrada.

O que se altera a partir de 2019 não é apenas a entrada de novos partidos no Parlamento, mas a possibilidade de essas sensibilidades se autonomizarem eleitoralmente. Nas legislativas de 2019, a Iniciativa Liberal e o Chega elegeram, cada um, um deputado à Assembleia da República. Em 2024, a IL obteve 8 deputados e o Chega 50. Já em 2025, a IL passou para 9 deputados e o Chega tornou-se a segunda força parlamentar com 60 deputados (Ministério da Administração Interna, 2019; Comissão Nacional de Eleições, 2024, 2025). Esta evolução sugere que a mudança não é apenas quantitativa. Não se trata simplesmente de a direita ter mais votos ou mais partidos. Trata-se de uma diferenciação interna do campo da direita.

A Iniciativa Liberal tornou politicamente autónoma uma direita de linguagem liberal, centrada na liberdade individual, na responsabilidade, na competitividade e na crítica ao peso do Estado. O Chega consolidou uma direita radical/populista, marcada pela denúncia das elites, pela centralidade da ordem, pela linguagem punitiva e pela mobilização de clivagens culturais e identitárias. Ambas as forças emergem à direita do PSD, mas não o fazem da mesma maneira nem necessariamente junto dos mesmos segmentos eleitorais.

A importância desta transformação está no facto de a direita portuguesa deixar de poder ser lida como um bloco internamente hierarquizado em torno de um partido dominante. A questão deixa de ser apenas saber se o PSD se desloca mais ao centro ou mais à direita, ou se consegue recompor uma maioria parlamentar e passa a ser saber se o espaço que antes conseguia agregar diferentes direitas se encontra agora dividido entre formas distintas de representação política. Em termos simples, o simpatizante que quer menos impostos, o simpatizante que quer mais autoridade, o simpatizante que quer estabilidade governativa e o simpatizante que quer punição das elites podem todos colocar-se “à direita”, mas isso não significa que estejam à direita pelas mesmas razões.

A comparação com Espanha ajuda a tornar este ponto mais claro. Também aí o sistema partidário foi durante décadas organizado por uma alternância relativamente estável entre PSOE e PP. A emergência de Podemos, Ciudadanos e Vox significou, segundo Rama, Cordero e Zagórski (2021), o fim do bipartidarismo imperfeito espanhol e uma recomposição da paisagem política. O aspecto mais relevante para este artigo não é apenas o aparecimento de novos partidos, mas o modo como estes autores comparam os novos grupos de simpatizantes com os partidos tradicionais do mesmo campo. Podemos face ao PSOE, Ciudadanos face ao PP e Vox face ao PP. A pergunta espanhola é próxima da pergunta portuguesa: os novos partidos são apenas novas embalagens eleitorais para velhos eleitorados, ou representam bases de apoio com traços próprios?

Heyne e Manucci (2021) mostram que o eleitorado do Chega e do Vox se aproxima do padrão europeu da direita radical populista no que toca à insatisfação política, dieta mediática e rejeição da imigração e do feminismo, mas sem poder ser reduzido à figura clássica do perdedor económico da globalização. Esta última observação é importante na medida em que se o voto radical fosse apenas uma reacção económica, bastaria olhar para rendimento, precariedade ou classe. Mas a evidência sugere que as dimensões culturais, identitárias e afectivas têm peso próprio.

Neste ponto de vista, a reconfiguração da direita deve ser vista como um processo de tradução política. Certas atitudes ou predisposições podiam existir antes sem encontrar expressão partidária autónoma, como por exemplo um simpatizante com forte preferência por liberdade económica podia votar PSD por ausência de uma alternativa liberal competitiva, ou um simpatizante com atitudes mais autoritárias ou anti-sistema podia votar PSD, CDS, abster-se ou dispersar o voto, ou até um simpatizante descontente com a moderação institucional da direita tradicional podia não encontrar uma oferta partidária capaz de transformar esse descontentamento em identificação eleitoral. O que muda com

a consolidação da IL e do Chega é a existência de canais mais claros para essas diferentes formas de adesão.

Esta leitura não implica afirmar que todos os eleitores liberais migraram para a IL, nem que todos os eleitores autoritários migraram para o Chega, nem que o PSD ficou reduzido a um eleitorado moderado. Os partidos competem por eleitores sobrepostos, adaptam mensagens, absorvem temas dos adversários e tentam manter coligações eleitorais heterogêneas. Ainda assim, o surgimento de novas direitas altera o modo como a procura eleitoral se organiza. A IL não é apenas mais um partido pequeno, mas a possibilidade de uma direita liberal se autonomizar enquanto identidade eleitoral. O Chega não é apenas uma direita “mais à direita”, mas a possibilidade de uma direita de protesto, ordem e anti-sistema se tornar eleitoralmente competitiva. O PSD passa a competir num espaço em que já não consegue monopolizar todas as razões possíveis para estar à direita.

3. Personalidade

A análise da reconfiguração da direita portuguesa não exige apenas saber que partidos existem, onde se posicionam ou que temas mobilizam, exigindo também compreender por que razão certas mensagens se tornam politicamente convincentes para alguns eleitores e indiferentes, exageradas ou repelentes para outros. A Ciência Política tem tradicionalmente privilegiado explicações centradas em instituições, partidos, lideranças, clivagens sociais, economia e estratégia eleitoral. Essas explicações continuam a ser indispensáveis. Porém, deixam muitas vezes em segundo plano os mecanismos psicológicos através dos quais os eleitores recebem, filtram e atribuem significado às mensagens políticas.

Por personalidade entende-se aqui um conjunto de disposições amplas e relativamente estáveis que influenciam padrões de pensamento, emoção e comportamento (Funder, 2015; McCrae & Costa, 1999). O modelo *Big Five* oferece cinco dimensões gerais de variação psicológica: Abertura à Experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo. A abertura remete, em termos gerais, para novidade, imaginação, curiosidade e disponibilidade para mudança; a conscienciosidade para organização, dever, previsibilidade e responsabilidade; a extroversão para sociabilidade e energia; a amabilidade para confiança, cooperação e orientação pró-social; o neuroticismo para maior sensibilidade à ansiedade, vulnerabilidade e ameaça.

A utilidade política destes traços torna-se mais clara quando se abandona a pergunta simplista de que personalidade vota em que partido? Essa pergunta tende a produzir interpretações rígidas, como se houvesse uma personalidade típica do eleitor liberal, conservador, populista ou radical. A pergunta mais produtiva é que tipos de apelo político se tornam mais ressonantes para diferentes disposições psicológicas? A personalidade não interessa por permitir dizer que certos simpatizantes pertencem naturalmente a determinado partido, interessa porque ajuda a compreender por que razão certas mensagens encontram maior receptividade em determinados segmentos da procura eleitoral.

A literatura recente sobre populismo mostra bem isto, por exemplo Bakker, Schumacher e Rooduijn (2021) defendem que cidadãos com baixa amabilidade, ou seja, mais desconfiados, cínicos e duros na avaliação dos outros, são mais susceptíveis a mensagens anti-sistema. A relevância deste argumento não está apenas na associação entre um traço e o voto populista, mas no mecanismo: a mensagem anti-sistema, ao acusar elites de incompetência, corrupção ou traição do povo, acaba por ser congruente com disposições mais desconfiadas e antagonistas. Ou seja, a personalidade funciona como condição de receptividade à comunicação política, não como causa isolada do voto.

Aichholzer e Zandonella (2016) oferecem uma segunda peça importante para esta argumentação. No seu estudo sobre o apoio ao FPÖ austríaco, os autores integram *Big Five*, autoritarismo de direita (RWA), orientação para dominância social (SDO) e ameaça imigrante percebida (PIT). O resultado central é que a ameaça percebida surge como o preditor directo mais forte do apoio à direita radical, enquanto os traços de personalidade se relacionam com esse apoio sobretudo através de atitudes ideológicas e percepções de ameaça. Por outras palavras, a personalidade raramente opera sozinha. Os traços tornam-se politicamente relevantes quando se articulam com atitudes, valores, percepções de ameaça e oferta partidária.

É precisamente isto que permite ligar Psicologia Política e reconfiguração partidária. A emergência de novos partidos não cria necessariamente novos traços de personalidade no eleitorado, criando antes novas formas de tradução política de disposições já existentes. Uma predisposição para desconfiar das elites podia permanecer dispersa entre abstenção, voto de protesto ou apoio a partidos tradicionais. Uma preferência por liberdade económica podia estar contida no interior do PSD ou do CDS. Uma orientação para autoridade e punição podia coexistir com voto em partidos

moderados por ausência de alternativa viável. Quando a oferta partidária se diversifica, essas disposições podem encontrar canais de expressão mais específicos.

Esta relação deve ser entendida de forma multidimensional. Malka, Soto, Inzlicht e Lelkes (2014) mostram que necessidades de segurança e certeza não predizem uma ideologia conservadora em bloco, predizendo sobretudo conservadorismo cultural, mas não necessariamente conservadorismo económico. Pelo contrário, em certos contextos, essas mesmas necessidades podem associar-se a preferências económicas de esquerda, precisamente porque políticas redistributivas e de protecção social oferecem segurança material. Segurança pode significar ordem moral, mas pode também significar protecção económica, a ameaça pode ser imigração, crime, instabilidade cultural, precariedade, abandono social ou perda de estatuto.

Por exemplo, o neuroticismo, a dimensão de personalidade que designa sobretudo uma maior propensão para experienciar ansiedade, preocupação, vulnerabilidade e afectos negativos, depende do tipo de ameaça que se torna saliente. Panish e Delton (2025) mostram que pessoas mais ansiosas tendem a inclinar-se à esquerda em temas económicos, mas não necessariamente em temas sociais. Lall e Vilalta (2025) chegam a uma conclusão paralela ao defender que não basta perguntar se os eleitores estão ansiosos, sendo necessário perguntar que tipo de ansiedade estão a experienciar.

Deste modo, a personalidade deve ser entendida como uma dimensão estrutural da procura eleitoral. Ela não decide sozinha o voto, mas influencia a forma como os eleitores reconhecem problemas, avaliam ameaças, confiam ou desconfiam de instituições, toleram conflito, valorizam estabilidade, aceitam mudança e respondem a discursos partidários. Saber que um eleitor se coloca à direita é útil, agora perceber se essa direita significa ordem, tradição, protesto, autoridade, autonomia, protecção ou ruptura é politicamente mais informativo.

4. Dados e Metodologia

Como anteriormente mencionado, este artigo mobiliza dados recolhidos no âmbito da dissertação de mestrado *Sobre a Relação entre Personalidade e Tendência de Voto em Portugal*, desenvolvida no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa no ano lectivo de 2024/2025 (Dâmaso de Andrade, 2025). Para o presente artigo, esses dados são reorientados para uma pergunta mais específica: perceber se a reconfiguração recente da direita portuguesa corresponde apenas a uma diferenciação da oferta partidária ou também a uma diferenciação da procura eleitoral à direita.

A opção por reutilizar estes dados é teoricamente adequada porque o estudo original não se limitou a medir a posição dos participantes no eixo esquerda-direita. Pelo contrário, articulou quatro níveis de análise: traços de personalidade do modelo *Big Five*, atitudes ideológicas, autoidentificação no eixo esquerda-direita e simpatia partidária concreta. Esta estratégia permite observar a relação entre disposições psicológicas, atitudes políticas e preferências partidárias sem reduzir a ideologia a uma única escala linear. No contexto deste artigo, essa arquitectura torna-se particularmente útil porque a direita portuguesa contemporânea não se organiza apenas por graus de “mais” ou “menos” direita, mas por combinações ideológicas diferentes como liberalismo económico, conservadorismo social, autoritarismo ou religiosidade.

O universo do estudo correspondeu à população residente em Portugal continental, com idade igual ou superior a 18 anos e elegível para votar. A recolha foi feita através de amostragem de conveniência, com recrutamento digital em plataformas online e redes sociais, durante os meses de Junho e Julho de 2025. A amostra final ficou composta por 319 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos. A amostra apresenta diversidade etária, mas encontra-se fortemente concentrada na Área Metropolitana de Lisboa, que representa 81,8% dos participantes. A escolaridade é também elevada: 52% possuem licenciatura e 27,9% mestrado ou doutoramento, enquanto 20,1% completaram apenas o ensino básico ou secundário.

No eixo de autoidentificação ideológica, 1,6% dos participantes identificaram-se com a extrema-esquerda, 14,1% com a esquerda, 14,4% com o centro-esquerda, 14,7% com o centro, 26,9% com o centro-direita e 24,8% com a direita. Quanto à simpatia partidária, o PSD concentrou 30,7% dos participantes, seguido dos independentes com 19,1%, do PS com 10,7%, da Iniciativa Liberal também com 10,7%, do Livre com 8,8%, do Chega com 6,6%, do CDS-PP com 5,3%, do Bloco de Esquerda com 4,7%, do PAN com 1,3%, do PCP com 0,9% e de “outro partido” com 1,3%.

Para o presente artigo, esta distribuição tem uma consequência metodológica clara. PSD, Iniciativa Liberal e Chega são os principais casos analisados dentro do espaço da direita, não porque esgotem todas as formas possíveis de direita em Portugal, mas porque representam as três expressões politicamente mais relevantes para a pergunta do artigo: direita tradicional/institucional, direita liberal e direita radical/populista. O CDS-PP permanece teoricamente relevante para compreender a história da direita portuguesa, mas é tratado neste artigo sobretudo como referência histórica e comparativa, não como

caso empírico central, dado que a dimensão reduzida do respectivo subgrupo na amostra recomenda cautela na sua utilização autónoma.

O questionário combinou instrumentos de personalidade e de atitudes políticas. A personalidade foi avaliada através de uma versão reduzida da escala *Big Five* desenvolvida por Rodrigues e Gomes (2022), composta por 23 itens em escala Likert de 1 a 7. Os itens captavam as cinco dimensões clássicas do modelo: abertura à experiência, conscienciosidade, extroversão, amabilidade e neuroticismo. As atitudes políticas foram medidas através de uma escala Likert de 1 a 5 baseada no Inventário de Atitudes Políticas de Antunes (2008), incluindo quatro dimensões: autoritarismo, conservadorismo social, liberalismo económico e religiosidade.

A estratégia estatística combinou estatísticas descritivas, regressões lineares múltiplas, correlações e comparação de médias por simpatia partidária. As regressões lineares múltiplas testaram em que medida as cinco dimensões de personalidade prediziam cada uma das quatro dimensões de atitude política. Para a finalidade específica deste artigo, os resultados são reorganizados em função da pergunta de quais perfis psicológicos e ideológicos se associam às principais famílias partidárias da direita portuguesa? Assim, em vez de apresentar os resultados apenas por traço de personalidade, a análise centra-se nos partidos e nas gramáticas políticas que representam: PSD como direita institucional, Iniciativa Liberal como direita liberal-reformista e Chega como direita radical/populista.

A leitura dos resultados deve ser feita com prudência, tendo em conta que este é um estudo exploratório com uma amostra é de conveniência, recolhida online e fortemente concentrada na Área Metropolitana de Lisboa. Além disso, apresenta níveis elevados de escolaridade, o que pode reduzir a variância em dimensões como conservadorismo, religiosidade ou autoritarismo. Há ainda limitações associadas à dimensão dos subgrupos partidários e ao desenho transversal do estudo. Os dados permitem observar associações entre personalidade, atitudes e simpatias partidárias num determinado momento e não permitem demonstrar que a personalidade causa a escolha partidária, nem que a reconfiguração da direita transformou psicologicamente o eleitorado português.

5. Resultados

Antes de analisar os partidos, importa situar os resultados gerais da amostra. Em termos de personalidade, a dimensão com média mais elevada foi a Abertura à Experiência ($M = 5.63$; $DP = 0.84$), seguida da Amabilidade ($M = 5.30$; $DP = 0.75$), da Extroversão ($M = 5.29$; $DP = 1.11$) e da Conscienciosidade ($M = 5.29$; $DP = 0.86$). O Neuroticismo registou uma média de 3.22 ($DP = 0.89$). Nas atitudes políticas, observaram-se médias relativamente baixas em Conservadorismo Social ($M = 2.25$; $DP = 0.88$), Autoritarismo ($M = 2.58$; $DP = 0.84$) e Religiosidade ($M = 2.72$; $DP = 0.85$), enquanto o Liberalismo Económico apresentou uma média ligeiramente superior ($M = 2.82$; $DP = 0.68$).

Esta caracterização inicial é relevante porque a amostra apresenta uma composição relativamente urbana, escolarizada e pouco conservadora. Assim, os resultados devem ser interpretados com prudência, não permitindo a generalização estatística para o eleitorado português. Ainda assim, a existência de diferenças entre simpatias partidárias dentro de uma amostra com baixa média de conservadorismo, autoritarismo e religiosidade torna essas diferenças analiticamente interessantes.

A análise de regressão realizada mostra que os traços de personalidade predizem uma parte estatisticamente significativa da variação nas quatro dimensões de atitude política. Os modelos foram significativos para Autoritarismo, $F(5, 313) = 6.637$, $p < .001$, $R^2 = .096$; Conservadorismo Social, $F(5, 313) = 2.506$, $p = .030$, $R^2 = .038$; Liberalismo Económico, $F(5, 313) = 4.088$, $p = .001$, $R^2 = .061$; e Religiosidade, $F(5, 313) = 7.381$, $p < .001$, $R^2 = .105$ (Dâmaso de Andrade, 2025). O resultado deve ser lido de forma equilibrada: a personalidade não explica a maior parte das atitudes políticas, mas também não é irrelevante. Explica uma parcela modesta, estatisticamente significativa e teoricamente interpretável da variação atitudinal.

Como os traços de personalidade e as atitudes políticas foram medidos em escalas diferentes, a interpretação dos perfis centra-se sobretudo nos desvios face à média da amostra, e não na comparação directa entre níveis absolutos de personalidade e atitudes.

Tabela 1. Perfis médios dos simpatizantes do PSD, IL e Chega

Dimensão	Média geral	PSD	IL	Chega
Abertura	5,63	5,61	5,73	6,05
Conscienc.	5,29	5,36	5,20	5,64
Extroversão	5,29	5,55	5,29	5,12
Amabilidade	5,30	5,32	5,12	5,17
Neuroticismo	3,22	3,17	3,05	3,36
Autoritarismo	2,58	2,90	2,52	3,30
Conserv. social	2,25	2,47	2,18	2,95
Lib. econ.	2,82	3,00	2,93	2,90
Religiosidade	2,72	3,05	2,51	2,90

Nota. Valores correspondem a médias. Os traços Big Five foram medidos numa escala de 1 a 7; as atitudes políticas numa escala de 1 a 5. Abrev.: Conscienc. = Conscienciosidade; Conserv. social = Conservadorismo Social; Lib. econ. = Liberalismo Económico. Fonte: Dâmaso de Andrade (2025).

Um dos resultados transversais mais importantes é que o eixo esquerda-direita, embora útil, não basta para compreender a diferenciação interna da direita. PSD, Iniciativa Liberal e Chega podem ser colocados no mesmo campo ideológico amplo, mas os seus perfis médios sugerem combinações distintas de atitudes e disposições. A diferença não é apenas de intensidade (mais centro, mais direita, mais radical), mas de composição. Dizer que PSD, IL e Chega são partidos de direita não explica que tipo de adesão cada um mobiliza. A direita pode significar governo e estabilidade, pode significar autonomia individual e reforma ou até significar autoridade e confronto com elites.

Na amostra analisada, o PSD é o partido com maior número de simpatizantes, representando 30,7% dos participantes. O seu perfil médio sugere uma forma de adesão política marcada pela estabilidade, pela integração institucional e pela capacidade agregadora. Psicologicamente, os simpatizantes do PSD apresentam valores acima da média em Conscienciosidade ($M_{\text{PSD}} = 5.36$; $M = 5.28$) e Extroversão ($M_{\text{PSD}} = 5.55$; $M = 5.29$), Amabilidade praticamente alinhada com a média ($M_{\text{PSD}} = 5.32$; $M = 5.30$), Neuroticismo ligeiramente inferior ($M_{\text{PSD}} = 3.17$; $M = 3.21$) e Abertura à Experiência elevada, embora ligeiramente abaixo da média da amostra ($M_{\text{PSD}} = 5.61$; $M = 5.63$). Em termos ideológicos, os simpatizantes do PSD apresentam valores acima da média em

Autoritarismo ($M_{\text{PSD}} = 2.90$; $M = 2.58$), Conservadorismo Social ($M_{\text{PSD}} = 2.47$; $M = 2.25$), Liberalismo Económico ($M_{\text{PSD}} = 3.00$; $M = 2.82$) e Religiosidade ($M_{\text{PSD}} = 3.05$; $M = 2.72$).

O ponto mais relevante não é que o PSD seja simplesmente “moderado”. O perfil do PSD não é neutro estando acima da média em autoritarismo, conservadorismo social, liberalismo económico e religiosidade. A sua especificidade parece residir antes na forma como agrega essas dimensões sem as converter numa gramática de ruptura. A Conscienciosidade acima da média pode ser lida, neste contexto, como afinidade com ordem, responsabilidade, previsibilidade e competência, a Extroversão acima da média pode sugerir maior conforto com sociabilidade política, integração institucional e identificação com partidos de governo. Assim, o PSD aparece como uma direita de integração, não um ponto intermédio sem conteúdo, mas uma direita que ainda contém elementos que noutros partidos surgem mais autonomizados.

A Iniciativa Liberal representa 10,7% da amostra, com 34 participantes. O seu perfil médio aponta para uma forma de adesão política diferente da do PSD e da do Chega. Psicologicamente, os simpatizantes da IL apresentam Abertura à Experiência ligeiramente superior à média ($M_{\text{IL}} = 5.73$; $M = 5.63$) e Neuroticismo inferior ($M_{\text{IL}} = 3.05$; $M = 3.22$). A Conscienciosidade ($M_{\text{IL}} = 5.20$; $M = 5.28$) e a Amabilidade ($M_{\text{IL}} = 5.12$; $M = 5.30$) surgem ligeiramente abaixo da média, enquanto a Extroversão coincide com a média da amostra ($M_{\text{IL}} = 5.29$; $M = 5.29$). Ideologicamente, a IL distingue-se por apresentar valores abaixo da média em Autoritarismo ($M_{\text{IL}} = 2.52$; $M = 2.58$), Conservadorismo Social ($M_{\text{IL}} = 2.18$; $M = 2.25$) e Religiosidade ($M_{\text{IL}} = 2.51$; $M = 2.72$), mantendo valor acima da média em Liberalismo Económico ($M_{\text{IL}} = 2.93$; $M = 2.82$).

Para o argumento deste artigo, porém, a IL não deve ser lida apenas como partido do mercado. Essa leitura seria demasiado estreita. O perfil sugere antes uma forma de adesão à direita menos dependente de tradição, religiosidade e autoridade. A IL parece organizar uma direita em que a identidade política passa por autonomia, modernização, eficiência, desburocratização e distância face ao conservadorismo moral clássico. A sua novidade não está apenas em defender posições económicas liberais, mas em oferecer uma forma de estar à direita que não necessita, pelo menos nos dados analisados, de forte religiosidade, conservadorismo social ou autoridade normativa.

O Chega representa 6,6% da amostra, com 21 participantes. A dimensão reduzida deste subgrupo exige prudência, mas o perfil médio é teoricamente relevante.

Psicologicamente, os simpatizantes do Chega apresentam valores acima da média em Conscienciosidade ($M_{CH} = 5.64$; $M = 5.29$), Abertura à Experiência ($M_{CH} = 6.05$; $M = 5.63$) e Neuroticismo ($M_{CH} = 3.36$; $M = 3.22$), e valores abaixo da média em Amabilidade ($M_{CH} = 5.17$; $M = 5.30$) e Extroversão ($M_{CH} = 5.12$; $M = 5.29$). Ideologicamente, apresentam valores acima da média em Autoritarismo ($M_{CH} = 3.30$; $M = 2.58$), Conservadorismo Social ($M_{CH} = 2.95$; $M = 2.25$), Religiosidade ($M_{CH} = 2.90$; $M = 2.72$) e Liberalismo Económico ($M_{CH} = 2.90$; $M = 2.82$).

Este perfil sugere uma forma de adesão política marcada por conflito, autoridade e ameaça. O Chega não surge apenas como uma direita “mais intensa” no eixo esquerda-direita, surgindo antes como uma combinação específica de maior orientação para ordem e hierarquia, maior conservadorismo social, menor disposição cooperativa e maior sensibilidade emocional à ameaça. Esta combinação aproxima-se da literatura sobre direita radical populista, que sublinha a importância da ameaça percebida, do autoritarismo e da baixa amabilidade na receptividade a discursos de direita radical (Aichholzer & Zandonella, 2016; Bakker et al., 2021). O ponto não é afirmar que estes traços causam simpatia pelo Chega. O ponto é que podem tornar mais ressonante uma comunicação política assente na denúncia das elites, na oposição entre povo e sistema e na promessa de punição. Como a base de dados não inclui medidas directas de ameaça cultural, populismo, ressentimento anti-elite ou confiança institucional, esta leitura deve ser entendida como interpretação teoricamente informada, apoiada pela literatura comparada, e não como medição directa desses mecanismos.

O resultado mais contraintuitivo no perfil do Chega é a Abertura à Experiência elevada. Na literatura clássica, seria expectável que maior abertura se associasse a progressismo cultural, tolerância à diversidade e menor conservadorismo. Contudo, na amostra analisada, o Chega apresenta a média mais elevada de abertura entre os partidos ($M_{CH} = 6.05$; $M = 5.63$), embora a ANOVA relativa à Abertura à Experiência não revele diferenças estatisticamente significativas entre grupos partidários, $F(10, 308) = 1.505$, $p = .136$ (Dâmaso de Andrade, 2025). Este achado deve ser tratado como exploratório, mas não deve ser ignorado. Uma interpretação possível é que, neste contexto, a abertura não esteja a captar apenas cosmopolitismo ou liberalismo cultural, mas também disponibilidade para novidade política, desafio, intensidade e ruptura.

O Neuroticismo é outro resultado relevante para evitar interpretações lineares. A hipótese inicial previa que níveis mais elevados deste traço estivessem associados a maior sensibilidade a ameaças e, por isso, a maior alinhamento com partidos que oferecem

segurança económica e emocional, tendencialmente à esquerda. Os resultados confirmam parcialmente esta ambivalência. O Neuroticismo apresenta correlação negativa e significativa com Liberalismo Económico ($r = -.145$, $p = .010$), sugerindo menor adesão a agendas económicas de mercado, e correlação negativa e significativa com Religiosidade ($r = -.198$, $p < .001$). Não se verificam correlações significativas com Autoritarismo ($r = -.070$, $p = .215$) nem com Conservadorismo Social ($r = -.098$, $p = .079$). No eixo esquerda-direita, apenas a categoria “Esquerda” apresenta correlação positiva e estatisticamente significativa com Neuroticismo ($r = .157$, $p = .005$) (Dâmaso de Andrade, 2025).

Contudo, a análise das médias por partido revela um padrão mais interessante. Os simpatizantes do Bloco de Esquerda ($M_{BE} = 3.87$), do PCP ($M_{PCP} = 3.67$) e do Chega ($M_{CH} = 3.36$) apresentam valores acima da média geral da amostra ($M = 3.22$). A ANOVA não revela diferenças estatisticamente significativas entre grupos, $F(10, 308) = 1.596$, $p = .107$, mas o padrão descritivo sugere que o Neuroticismo pode estar associado a formas de adesão política mais intensas, ainda que ideologicamente distintas. A leitura mais produtiva não é dizer que o Neuroticismo pertence à esquerda ou à direita. O seu significado político parece depender do tipo de ameaça em causa: económica, social, cultural, identitária ou securitária.

A Conscienciosidade foi o traço que mais claramente se aproximou das expectativas teóricas. Apresentou correlação positiva e significativa com Autoritarismo ($r = .183$, $p = .001$), Religiosidade ($r = .169$, $p = .002$) e Liberalismo Económico ($r = .153$, $p = .006$). A correlação com Conservadorismo Social foi positiva, embora não significativa ($r = .091$, $p = .103$). Nas médias partidárias, os simpatizantes do Chega ($M_{CH} = 5.64$), CDS ($M_{CDS} = 5.46$), PSD ($M_{PSD} = 5.36$) e PS ($M_{PS} = 5.42$) apresentam valores superiores à média geral da amostra ($M = 5.29$), enquanto os simpatizantes do Bloco de Esquerda ($M_{BE} = 4.76$) e do Livre ($M_{Livre} = 4.77$) apresentam valores mais baixos. A ANOVA revelou diferenças estatisticamente significativas entre grupos, $F(10, 308) = 2.467$, $p = .007$, com efeito pequeno a moderado ($\eta^2 = .074$).

Em conjunto, os resultados sugerem que PSD, Iniciativa Liberal e Chega não devem ser lidos apenas como três posições numa escala linear da direita portuguesa. O PSD surge como uma direita institucional e agregadora, combinando Conscienciosidade e Extroversão acima da média com valores também acima da média em Autoritarismo, Conservadorismo Social, Liberalismo Económico e Religiosidade. A Iniciativa Liberal

surge como uma direita de autonomia e modernização, apresenta Abertura ligeiramente acima da média, Neuroticismo abaixo da média, valores mais baixos de Autoritarismo, Conservadorismo Social e Religiosidade e maior Liberalismo Económico. O Chega surge como uma direita de ordem e autoridade, apresentando valores acima da média em Conscienciosidade, Autoritarismo, Conservadorismo Social, Religiosidade e Neuroticismo descritivo, valores mais baixos de Amabilidade e uma Abertura à Experiência inesperadamente elevada.

A contribuição destes resultados não é provar que existem grupos de simpatizantes psicologicamente fechados ou essencialmente diferentes. É mostrar que a reconfiguração da direita portuguesa pode corresponder a uma diferenciação da procura eleitoral. Os dados sugerem que diferentes partidos da direita mobilizam combinações distintas de atitudes, disposições e expectativas. Neste caso estabilidade institucional no PSD, autonomia reformista na IL, conflito e autoridade no Chega. Assim, a pergunta relevante deixa de ser apenas onde se localizam estes partidos no eixo esquerda-direita, passando a ser que tipo de relação com a política cada um deles organiza.

6. Discussão

Os resultados apresentados permitem sustentar que a reconfiguração da direita portuguesa não deve ser entendida apenas como uma multiplicação de partidos no mesmo espaço ideológico, mas como uma diferenciação de formas de adesão política. PSD, Iniciativa Liberal e Chega partilham uma localização ampla no campo da direita, mas os dados sugerem que não mobilizam a mesma combinação de atitudes, disposições e expectativas. O que está em causa não é apenas uma direita mais moderada, uma direita mais liberal e uma direita mais radical, mas a possibilidade de existirem modos distintos de reconhecer problemas políticos, atribuir confiança, avaliar ameaça e aderir a determinadas linguagens partidárias.

Esta conclusão é relevante porque desloca a análise da direita portuguesa de uma leitura puramente posicional para uma leitura relacional. Num modelo puramente posicional, os partidos são distribuídos num eixo esquerda-direita e interpretados segundo a sua distância relativa. Nessa leitura, o Chega estaria simplesmente mais à direita do que o PSD, e a Iniciativa Liberal seria uma direita mais liberal no plano económico. A análise aqui proposta não rejeita essa leitura, mas mostra que ela é insuficiente. O que distingue estes partidos não é apenas onde se localizam, mas que tipo de vínculo político constroem com os seus simpatizantes.

Uma primeira implicação dos resultados é que a reconfiguração da direita portuguesa não deve ser confundida simplesmente com radicalização. O Chega é a expressão mais visível de uma nova direita radical/populista, mas a transformação da direita portuguesa é mais ampla. A emergência da Iniciativa Liberal aponta para outro processo, uma autonomização de uma direita menos dependente de tradição, religiosidade e autoridade normativa. Assim, a direita portuguesa não se reconfigura apenas porque surge uma direita mais radical, reconfigura-se porque diferentes componentes antes agregadas num campo partidário mais concentrado passam a encontrar expressões partidárias mais específicas. O PSD surge como a forma mais agregadora dessa direita. O seu perfil combina valores acima da média em Conscienciosidade e Extroversão com atitudes também acima da média em Autoritarismo, Conservadorismo Social, Liberalismo Económico e Religiosidade. Esta combinação é consistente com uma direita institucional, governativa e culturalmente tradicional, capaz de articular responsabilidade, estabilidade, instituições e alguma continuidade moral. A IL, pelo contrário, aparece como uma forma de adesão mais selectiva e menos tradicionalista, associada a autonomia, modernização e menor carga moral-religiosa. O Chega distingue-se de ambos por uma configuração mais marcada por autoridade e conservação.

A segunda implicação é teórica. Os resultados reforçam a utilidade da personalidade para a Ciência Política, mas também mostram os riscos de uma leitura “psicologizante”. A personalidade não deve ser tratada como essência partidária. Não há uma “personalidade do PSD”, uma “personalidade da IL” ou uma “personalidade do Chega”. O que há são padrões de associação entre traços, atitudes e simpatias partidárias que ajudam a compreender a receptividade diferencial dos indivíduos a determinadas ofertas políticas. Este ponto aproxima o artigo da literatura mais convincente em Psicologia Política. Bakker, Schumacher e Rooduijn (2021) não defendem simplesmente que determinados traços causam voto populista. O seu contributo é mostrar que certas disposições tornam os cidadãos mais receptivos a certos tipos de comunicação política, nomeadamente mensagens anti-sistema. Aichholzer e Zandonella (2016) reforçam a mesma lógica ao mostrar que, no apoio ao FPÖ, os traços de personalidade se articulam com atitudes ideológicas e percepções de ameaça. Isto é fundamental para interpretar o caso português, ou seja os resultados sobre Chega não devem ser lidos como se a personalidade produzisse automaticamente voto radical, mas como indicação de que certos perfis podem encontrar maior ressonância numa oferta política que organiza conflito, ameaça e punição.

O Neuroticismo é particularmente útil para mostrar que os traços não têm significado político fixo. Nos resultados, este traço correlaciona-se negativamente com Liberalismo Económico e positivamente com autoidentificação à esquerda, mas surge descritivamente acima da média em partidos tão diferentes como Bloco de Esquerda, PCP e Chega. Esta ambivalência não deve ser tratada como ruído, mas deve ser interpretada como sinal de que a sensibilidade à ameaça pode adquirir traduções políticas diferentes. Quando a ameaça é económica ou social, a resposta pode ser protecção, redistribuição, intervenção pública ou cuidado institucional. Quando a ameaça é cultural, identitária ou securitária, a resposta pode ser autoridade, fronteira, punição ou restauração da ordem.

Isto permite formular uma hipótese importante para a reconfiguração da direita portuguesa, o que muda não é necessariamente a estrutura psicológica dos indivíduos, mas a disponibilidade partidária de certas traduções da ameaça. O Chega pode organizar uma ameaça cultural, moral e securitária e partidos de esquerda podem organizar uma ameaça económica e social. O PSD pode atenuar a ameaça através de estabilidade institucional. A IL pode responder à ameaça por via da autonomia individual e da crítica ao bloqueio estatal. A mesma sensibilidade psicológica pode encontrar saídas políticas distintas conforme o objecto da ameaça e a oferta partidária disponível.

A Abertura à Experiência constitui o resultado mais contraintuitivo e talvez o mais teoricamente fértil. A literatura internacional associa frequentemente este traço a progressismo cultural, tolerância à diversidade e menor conservadorismo. Contudo, na amostra analisada, a Abertura não se associou significativamente a menor Autoritarismo, menor Conservadorismo Social ou menor Religiosidade, apresentou correlação positiva com Liberalismo Económico e teve a média descritiva mais elevada entre simpatizantes do Chega. Este resultado não deve ser exagerado, mas também não deve ser escondido. A sua utilidade está em mostrar que a relação entre personalidade e política depende do contexto.

Uma explicação possível está na heterogeneidade interna da própria Abertura à Experiência enquanto constructo. Porém, no contexto da reconfiguração da direita, esta hipótese é particularmente interessante: a abertura pode não significar apenas cosmopolitismo progressista e pode também significar disponibilidade para novidade política, experimentação eleitoral ou ruptura com a representação estabelecida. Isto não transforma o Chega num partido aberto em sentido ideológico, mostra apenas que a relação entre traço psicológico e escolha partidária pode ser mais ambivalente do que as expectativas clássicas sugerem.

A principal implicação política destes resultados é que a substituíbilidade entre partidos de direita pode ser limitada. Se PSD, IL e Chega fossem apenas diferentes graus de uma mesma direita, seria razoável esperar que os simpatizantes circulassem entre eles sobretudo em função de proximidade ideológica linear, voto útil ou avaliação estratégica. Mas se estes partidos organizam formas diferentes de adesão política, então a competição entre eles é mais complexa. O PSD pode tentar recuperar simpatizantes da IL por via de propostas reformistas, mas isso não significa que consiga reproduzir a gramática de autonomia e modernização que dá especificidade à IL. Pode também tentar conter fugas para o Chega endurecendo o discurso em temas de ordem ou segurança, mas isso não significa que consiga replicar a lógica anti-sistema e punitiva que torna o Chega distintivo.

Estas conclusões devem ser lidas dentro de limites claros, como já mencionado este estudo é exploratório, tem uma amostra é de conveniência recolhida online e fortemente concentrada em perfis urbanos e escolarizados. A dimensão dos subgrupos partidários é desigual, com o PSD a apresenta rum a subamostra mais robusta, e a Iniciativa Liberal e o Chega a contarem com números mais reduzidos. Além disso, todas as análises têm natureza transversal e correlacional. Os dados indicam padrões de covariação estatística, não relações de determinação unidireccional.

Há também limitações psicométricas e conceptuais, como o modelo *Big Five* que é uma ferramenta consolidada para organizar diferenças individuais, mas é um modelo amplo e descritivo. Não foi originalmente concebido para captar todas as dinâmicas motivacionais do comportamento político. Da mesma forma, as dimensões de autoritarismo, conservadorismo social, liberalismo económico e religiosidade são úteis, mas não captam toda a complexidade das clivagens contemporâneas, como ameaça cultural, ressentimento anti-elite, confiança institucional, transição ecológica, imigração, género ou insegurança económica.

Estas limitações apontam para um programa de investigação futuro. Seria útil replicar a análise com uma amostra representativa do eleitorado português, garantindo subamostras suficientes de PSD, IL, Chega e CDS-PP. Seria também importante utilizar medidas multifacetadas dos *Big Five*, distinguindo, por exemplo, abertura intelectual de busca de novidade, ou conscienciosidade normativa de diligência meritocrática. Por fim, a análise deveria incorporar medidas directas de ameaça económica, ameaça cultural, ressentimento anti-elite, confiança institucional e populismo, bem como desenhos

experimentais que permitissem testar se diferentes perfis psicológicos respondem de modo diferente a mensagens de ordem, autonomia, punição, estabilidade ou anti-sistema.

Em suma, as limitações deste estudo não anulam o seu contributo, mas delimitam-no. Os resultados não permitem concluir que a personalidade explica causalmente a reconfiguração da direita portuguesa, nem que PSD, IL e Chega possuem grupos de simpatizantes psicologicamente fechados. Permitem, contudo, sustentar uma hipótese teoricamente relevante: a reconfiguração partidária da direita portuguesa pode estar associada a uma diferenciação das formas de adesão política.

7. Conclusão

Portanto o PSD, a Iniciativa Liberal e o Chega disputam apenas variantes do mesmo perfil de simpatizante de direita, ou mobilizam formas distintas de adesão política? A resposta sugerida pelos dados é prudente. A direita portuguesa contemporânea não parece constituir apenas um bloco homogêneo fragmentado por razões de oferta partidária, parece também revelar uma diferenciação da procura eleitoral, na qual diferentes partidos organizam combinações distintas de atitudes, disposições psicológicas e expectativas políticas.

Este artigo desloca a análise da direita portuguesa de uma leitura exclusivamente posicional para uma leitura relacional e multidimensional. Os resultados sugerem três formas de adesão: uma direita institucional e agregadora, associada ao PSD; uma direita de autonomia, reforma e modernização, associada à Iniciativa Liberal; e uma direita de conflito, autoridade e ameaça, associada ao Chega. Estas categorias não são essências partidárias, nem retratos psicológicos fechados, mas são instrumentos analíticos para pensar como diferentes ofertas políticas tornam visíveis diferentes modos de estar à direita.

A Psicologia Política é útil nesse ponto, a personalidade não deve ser entendida como causa única do voto, nem como essência dos simpatizantes partidários. O seu valor está em ajudar a compreender a receptividade dos indivíduos a certas mensagens, estilos e narrativas políticas. A mesma promessa de ordem, reforma, estabilidade ou ruptura não é recebida da mesma forma por todos. Traços como conscienciosidade, amabilidade, abertura à experiência ou neuroticismo podem influenciar a forma como os indivíduos interpretam autoridade, conflito, risco, novidade, pertença e ameaça.

Em vez de perguntar apenas se a direita se tornou mais fragmentada ou mais radical, importa perguntar como diferentes ofertas partidárias tornam politicamente

legíveis disposições e atitudes que antes podiam permanecer agregadas, dispersas ou pouco representadas. O contributo deste artigo está precisamente nessa deslocação ao mostrar que a reconfiguração da direita portuguesa pode ser analisada também na sua infraestrutura psicológica e atitudinal, não como transformação da personalidade dos eleitores, mas como reorganização dos canais através dos quais estabilidade, autonomia, autoridade, ameaça e ruptura se convertem em simpatia partidária.

8. Referências

- Aichholzer, J., & Zandonella, M. (2016). Psychological bases of support for radical right parties. *Personality and Individual Differences*, 96, 185–190. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.02.072>
- Antunes, R. J. S. (2008). *Identificação partidária e comportamento eleitoral: Factores estruturais, atitudes e mudanças no sentido de voto* [Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra].
- Bakker, B. N., Schumacher, G., & Rooduijn, M. (2021). The populist appeal: Personality and anti-establishment communication. *The Journal of Politics*, 83(2), 589–601. <https://doi.org/10.1086/710014>
- Comissão Nacional de Eleições. (2024). Mapa oficial com o resultado da eleição e a relação dos deputados eleitos para a Assembleia da República realizada em 10 de março de 2024. Diário da República.
- Comissão Nacional de Eleições. (2025). Mapa oficial com o resultado da eleição e a relação dos deputados eleitos para a Assembleia da República realizada em 18 de maio de 2025. Diário da República.
- Dâmaso de Andrade, S. (2025). Sobre a relação entre personalidade e tendência de voto em Portugal [Dissertação de mestrado, Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa].
- Federico, C. M., & Malka, A. (2018). The contingent, contextual nature of the relationship between needs for security and certainty and political preferences: Evidence and implications. *Political Psychology*, 39(S1), 3–48. <https://doi.org/10.1111/pops.12477>
- Funder, D. C. (2015). *The personality puzzle* (7th ed.). W. W. Norton.
- Gerber, A. S., Huber, G. A., Doherty, D., & Dowling, C. M. (2011). The big five personality traits in the political arena. *Annual Review of Political Science*, 14, 265–287. <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-051010-111659>
- Heyne, L., & Manucci, L. (2021). A new Iberian exceptionalism? Comparing the populist radical right electorate in Portugal and Spain. *Political Research Exchange*, 3(1), Article 1989985. <https://doi.org/10.1080/2474736X.2021.1989985>
- Heyne, L., Manucci, L., & Costa Lobo, M. (2026). The young, the radical and the dissatisfied: The transformation of the Portuguese right-wing electorate in the 21st century. *South European Society and Politics*, 31(2), 157–178. <https://doi.org/10.1080/13608746.2025.2534894>

- Lall, R., & Vilalta, D. (2025). Varieties of anxieties: Disaggregating emotion and voting behaviour in the COVID-19 era. *British Journal of Political Science*, 55, Article e87. <https://doi.org/10.1017/S0007123425000377>
- Malka, A., Soto, C. J., Inzlicht, M., & Leles, Y. (2014). Do needs for security and certainty predict cultural and economic conservatism? A cross-national analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 106(6), 1031–1051. <https://doi.org/10.1037/a0036170>
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1999). A five-factor theory of personality. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (2nd ed., pp. 139–153). Guilford Press.
- Mendes, M. S., & Dennison, J. (2021). Explaining the emergence of the radical right in Spain and Portugal: Salience, stigma and supply. *West European Politics*, 44(4), 752–775. <https://doi.org/10.1080/01402382.2020.1777504>
- Ministério da Administração Interna. (2019). *Legislativas 2019: Resultados globais*.
- Mondak, J. J. (2010). *Personality and the foundations of political behavior*. Cambridge University Press.
- Mondak, J. J., & Halperin, K. D. (2008). A framework for the study of personality and political behaviour. *British Journal of Political Science*, 38(2), 335–362. <https://doi.org/10.1017/S0007123408000173>
- Mondak, J. J., Hibbing, M. V., Canache, D., Seligson, M. A., & Anderson, M. R. (2010). Personality and civic engagement: An integrative framework for the study of trait effects on political behavior. *American Political Science Review*, 104(1), 85–110. <https://doi.org/10.1017/S0003055409990359>
- Panish, A. R., & Delton, A. W. (2025). Why anxious people lean to the left on economic policy: Personality, social exclusion, and redistribution. *British Journal of Political Science*, 55, e8. [10.1017/S0007123424000590](https://doi.org/10.1017/S0007123424000590)
- Rama, J., Cordero, G., & Zagórski, P. (2021). Three is a crowd? Podemos, Ciudadanos, and Vox: The end of bipartisanship in Spain. *Frontiers in Political Science*, 3, Article 688130. <https://doi.org/10.3389/fpos.2021.688130>
- Rodrigues, R. I., & Gomes, C. (2022). Desenvolvimento e validação de uma versão portuguesa do Inventário de Personalidade Big Five. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 63(2), 163–176. <https://doi.org/10.21865/RIDEP63.2.12>

- Schoen, H., & Schumann, S. (2007). Personality traits, partisan attitudes, and voting behavior: Evidence from Germany. *Political Psychology*, 28(4), 471–498. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2007.00582.x>
- Stahlmann, A. G., Hopwood, C. J., Orth, U., Smillie, L. D., & Bleidorn, W. (2026). Big Five personality traits and voting: A systematic review, meta-analysis, and mega-analysis. *European Journal of Personality*, 40(3), 545–572. <https://doi.org/10.1177/08902070251383955>
- van Alebeek, C., Komáromy, D., Peterson, D., & Rooduijn, M. (2026). Stable personalities, shifting loyalties: The activating role of cultural threats in populist radical right support. *Political Studies*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/00323217251412067>
- Vecchione, M., Schoen, H., González Castro, J. L., Cieciuch, J., Pavlopoulos, V., & Caprara, G. V. (2011). Personality correlates of party preference: The Big Five in five big European countries. *Personality and Individual Differences*, 51(6), 737–742. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.06.015>